

ULISSES NO PAÍS DOS FEACES

– A Aurora da Utopia Ocidental*

Homenagem ao Prof Doutor Eduardo de Soveral

1. INTRODUÇÃO

Nos nossos dias é, ainda, extremamente agradável ler a Odisseia¹. Este poema que deve ser posterior à *Iliada*² conta-nos a errância de Ulisses durante dez anos, desde a partida de Tróia até à sua chegada a Itaca.

A Odisseia é desta forma um poema de regresso³ e poderemos mesmo acrescentar que nele descortinamos, sem qualquer dificuldade, um duplo regresso: é não só o regresso do herói à terra natal, mas também o do esposo para junto da esposa.

O poema está repleto de aventuras maravilhosas que ainda hoje nos encantam, muito provavelmente, por constituírem uma das fontes de onde brotou o imaginário ocidental.

* Este texto foi publicado no meu livro *Ensaaios. História da Filosofia*, Porto, Rés, s/d [1987]. Agradeço ao meu editor, Dr. Reinaldo de Carvalho, a autorização para o reeditar. O Autor introduziu algumas alterações ao texto original (1998).

¹ Utilizamos a seguinte edição: HOMERO, *Odisseia*, Lisboa, Sá da Costa, 1980, 5.ª ed. - Tradução do grego, prefácios e notas pelos Padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia. Edição revista por E. Dias Palmeira.

Todas as citações e remissões da Odisseia são referentes a essa edição.

² É esta a nossa posição a qual está de acordo com vários autores dos quais citamos: M. HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, 1 vol. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, 3.ª ed., pp. 81 - 84; PIERRE LÉVÊQUE, *A Aventura Grega*, Lisboa, Edições Cosmos, 1967, pp. 108 - 110; M. I. FINLEY *O Mundo de Ulisses*, Lisboa, Editorial Presença, 1982, pp. 13 - 14.

Com uma certa probabilidade podemos dizer que a *Iliada* foi composta nos finais do séc. IX ou princípios do VIII e a Odisseia nos meados do séc. VIII (Veja-se, p. 21, n.14, deste ensaio).

³ Cf. M. H. da Rocha Pereira, ob. cit., p. 70.

O leitor da Odisseia, com uma certa facilidade, poderá considerar a estadia de Ulisses no País dos Feaces como o ponto central do poema destinado a fazer a ligação entre as viagens de Telémaco⁴ e a chegada a Itaca, do herói que terá de defrontar os pretendentes⁵.

Na Odisseia, a permanência de Ulisses em Esquéria, a terra dos Feaces, ocupa os cantos V-XII. É nesta parte do poema que também são narradas as aventuras de Ulisses depois deste deixar Tróia e atingir o litoral da Esquéria. Motivo de grande interesse constitui a descrição da tomada de Tróia, igualmente, nesta parte da Odisseia.

Para além dos motivos de interesse que citamos, merece a nossa atenção a sociedade dos Feaces com a qual Ulisses vai conviver por escassos dias. Será sobre esta sociedade que nos iremos debruçar ao longo destas linhas.

Porquê esta escolha?

O poeta dá uma série de informações sobre o povo da Esquéria: as suas aptidões, os costumes, o governo, são alguns elementos presentes no poema. Ora, estas indicações, a que iremos juntar mais algumas que consideramos relevantes, levaram-nos a considerar que este episódio da Odisseia oferece algumas linhas de utopia na literatura ocidental.

Creemos que o problema a que fizemos referência é suficientemente interessante para justificar esta releitura da Odisseia.

2. O PAÍS DOS FEACES

Começaremos por abordar o nosso tema com a referência à situação geográfica do País dos Feaces. Pensamos, por razões que exporemos em breve, que a descrição geográfica deste país é uma peça importante para o que desejamos demonstrar. Mas passemos a palavra ao próprio poeta:

“Estes (os Feaces), anteriormente, viviam na vasta Hipéria, ao pé dos Ciclopes soberbos, que lhes saqueavam região, por eles

⁴ As viagens de Telémaco ocupam os cantos I - IV e gozam de uma relativa autonomia dentro do poema.

⁵ A chegada a Itaca e a luta com os pretendentes à mão de Penélope ocupam uma grande parte do poema: cantos XIII - XXIV.

*serem superiores em força. Nausitoo semelhante a um deus foi quem os levou daí e os estabeleceu na Esquéria, longe dos homens laboriosos”*⁶.

Pensamos que a passagem acima transcrita pode ainda ser aclarada por uma outra que constitui uma parte da fala da Princesa Nausicaa a propósito de Ulisses, quando este lhe surgiu após o seu naufrágio:

*“Nem haverá alguém que venha hostilizar a Terra dos Feaces, porque os deuses imortais são seus amigos. Nós vivemos isolados, nos confins da terra, no meio do mar ondeante e nenhum mortal nos visita”*⁷.

Ora, o que podemos extrair de interesse destas passagens?

Em primeiro lugar, ficamos a saber que, vítimas dos Ciclopes, os Feaces emigraram para uma ilha ficando assim a salvo da sua violência.

Em segundo, verificamos que este povo habita uma ilha perdida no meio do mar, de tal forma que só por extremo acaso é que pode ser visitada.

A Esquéria está assim longe dos olhares indiscretos, mas também a salvo de quaisquer violências que pudessem abater-se sobre ela.

As indicações que extraímos das passagens citadas não esgotam, todavia, o seu interesse. Ora, o facto de se tratar de uma ilha, a terra habitada pelos Feaces, e de a sua situação ser desconhecida dos outros mortais, pode-nos levar a pensar que tal tem um determinado significado. Mas vejamos qual é este significado.

Para nós é sintomático, como aliás irá acontecer na descrição de várias utopias, que o lugar assinalado para a sociedade mais perfeita seja uma ilha⁸.

O que dissemos no parágrafo anterior pode parecer uma contradição ou uma ambiguidade, o que é mais do que o suficiente para tentarmos dilucidar a nossa afirmação.

Efectivamente, a utopia significa o que não existe em qualquer lugar, isto é, a sociedade proposta constitui ainda um modelo e portanto não existe em qualquer território.

⁶ Odisseia, p. 79. (Trad. ligeiramente modificada)

⁷ Odisseia, p. 84. (Trad. ligeiramente modificada)

⁸ Podemos apontar, entre outros exemplos, a Utopia de Tomás Morus: os habitantes de Utopia são ilhéus.

Quanto a nós o que é extremamente curioso é o facto alguns autores de utopias descreverem, e por vezes com minúcia, o país no qual vive a sociedade mais perfeita.

Há assim uma preocupação geográfica, embora a geografia destes autores se coloque num plano essencialmente imaginário.

Perguntemos mais uma vez: qual o significado desta atitude?

Digamos desde já que não existe uma contradição e a ambiguidade é mais aparente do que real.

O autor de uma utopia tem a consciência de que ela é um modelo que não tem lugar, como anteriormente dissemos, que pode e deve vir à existência, isto é, ela deve constituir num futuro, mais ou menos próximo, uma realidade, uma sociedade com existência num lugar.

A ilha tem sido o local preferido para albergar a utopia. Pensamos que a ilha, como imagem eleita dos autores utópicos, funciona como sinal de que uma sociedade mais perfeita pode surgir no horizonte.

Se a ilha é o território preferido, segundo pensamos, é porque ela, com facilidade, nos leva a imaginar um lugar desconhecido, perdido no meio do mar, alcançável apenas por um feliz acaso.

Há uma determinada lógica, muito subtil, nesta construção.

O autor utópico, ao preocupar-se com os pormenores geográficos do território onde vive a sociedade que ele desenha, quererá dizer que um estado mais justo pode existir, não obstante se encontrar perdido em qualquer lugar imaginário acessível pela nossa razão.

A sociedade mais justa existe, mas para o olhar do espírito, esperando que um dia se processe o trânsito da geografia imaginária para a geografia real, que um dia desça do céu para a terra.

Regressemos agora à Odisseia.

Perdida no meio do mar, ergue-se a Esquéria à qual, devido ao naufrágio, chega Ulisses, que assim pode conhecer a sociedade dos Feaces, uma sociedade mais feliz que vive enlaçada no maravilhoso.

3. OS JARDINS DE ALCINOO

Ulisses recebido com toda a hospitalidade pela princesa Nausicaa, filha do rei Alcinoos, dirigiu-se para o palácio real tendo

a oportunidade de ver os jardins de Alcinoos. Eis como o poeta os descreve:

*“Nele crescem árvores grandes e viçosas: pereiras, romãzeiras, macieiras de belo fruto, figueiras encantadoras, e verdejantes oliveiras. Nestas árvores, a fruta nunca se estraga nem falta, tanto no Inverno como no Verão; dura todo o ano, porque o zéfiro soprando de contínuo, faz crescer uma e amadurar outra... crescem, em canteiros bem ordenados, todas as espécies de legumes, que verdejam todo o ano”*⁹.

Estes jardins não são propriamente reais; têm uma dimensão fantástica que transcende o que um mortal normalmente pode possuir. Mas estes jardins são do rei Alcinoos e encontram-se portanto na Esqueria. O que há neles de fantástico?

Como podemos facilmente verificar, frutos são oferecidos anualmente qualquer que seja a estação; os legumes igualmente estão viçosos ao longo do ano. Se tal acontece é porque o zéfiro sopra de contínuo.

O quadro maravilhoso que nos é traçado representa, assim o pensamos, a abundância. A Natureza, amável, é pródiga em dádivas, o que permite uma vida tranquila pois não há o receio pela sobrevivência, ameaçada pela escassez de alimentos.

Para uma melhor compreensão da passagem transcrita é importante, como tentaremos mostrar, aproximá-la de duas outras passagens da Odisseia.

No canto IV do poema há a descrição dos Campos Elísios para os quais são enviados alguns privilegiados e que constituem uma espécie de paraíso. Aí o clima é ameno e as brisas do zéfiro refrescam os homens¹⁰.

⁹ Odisseia, p. 92.

¹⁰ Pelo seu interesse transcrevemos a passagem a que fizemos referência no texto:

“Quanto a ti, Menelau, aluno de Zeus, os deuses determinaram que não morras em Argos, de bom pasto para cavalos, e completes aí o teu destino. Eles enviar-te-ão para os Campos Elísios, para os confins da terra, onde vive o fulvo Radamanto e os homens logram vida mui ditosa e onde não cai neve, não há tempestades violentas nem chove nunca, mas de contínuo o Oceano envia as brisas do Zéfiro de hálito sonoro, para refrescar os homens. Eles enviar-te-ão para lá, porque tens Helena por esposa e és a seus olhos genro de Zeus” (Odisseia, p. 56).

Quanto a esta passagem veja-se M. H. da Rocha Pereira, *Concepções Helénicas de Felicidade no Além – de Homero a Platão*, Coimbra, 1955, pp. 23 - 27 e 105 - 113.

Noutro passo da Odisseia surge-nos outra descrição igualmente célebre: o Olimpo, lugar com um clima ameno. A morada dos deuses é coberta por

*“um céu puro, sem nuvens e de uma esplendente claridade”*¹¹.

Como podemos verificar as três passagens citadas da Odisseia, descrevem-nos lugares maravilhosos, onde o traço comum é o clima eternamente ameno. Mas levemos a nossa análise mais longe.

Em dois passos, notamos que as regiões descritas são habitadas por privilegiados, por imortais: o Olimpo pelos deuses, os Campos Elísios por aqueles a quem os deuses concederam tal graça¹².

Em contrapartida, a passagem referente aos jardins de Alcinoos mostra-nos um lugar que pertence aos mortais, não obstante a presença do maravilhoso. Quer dizer, uma característica das regiões dos privilegiados adorna o reino do mortal Alcinoos.

Antes de extrairmos uma conclusão, pensamos que será pertinente aproximar agora a passagem da Odisseia, que fala dos jardins de Alcinoos, do mito das cinco idades, que se encontra no poema Os Trabalhos e os Dias de Hesíodo¹³.

Poderá parecer estranho este desvio até a uma obra que é posterior aos poemas homéricos¹⁴.

Esperamos, porém, justificar ao longo destas linhas a nossa atitude.

¹¹ Também, pela sua importância transcrevemos, com mais amplitude, a passagem a que fizemos referência no texto:

“... o Olimpo, onde, dizem, os deuses têm a sede perpetuamente segura. Não é sacudida pelos ventos ou molhada das chuvas, nem ali cai neve; mas cobre-a um céu puro, sem nuvens e de uma esplendente claridade.” (Odisseia, p. 80).

¹² Os deuses concederam o privilégio a alguns homens, entre os quais Menelau, de habitarem os Campos Elísios. Mas note-se que este privilégio não tem nada a ver com a vida virtuosa.

Não é por virtude que Menelau será enviado para os Campos Elísios mas sim por ser genro de Zeus.

¹³ O mito das cinco idades ocupa os vv. 109 - 126 de Os Trabalhos e os Dias. Encontra-se uma tradução deste texto em M. H. DA ROCHA PEREIRA, *Héiade*, 2.^a ed., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1963, pp. 83 - 86.

¹⁴ Segundo Pierre Lévêque a *Iliada* teria sido composta nos finais do séc. IX e a Odisseia por meados do séc. VIII (cf. ob. cit., p. 109).

Na opinião do mesmo historiador Hesíodo teria nascido nos meados do séc. VIII (cf. ob. cit., p. 110).

No mito das cinco idades, a primeira é a do ouro. Representa a época em que o Homem foi feliz levando uma existência tranquila pois a harmonia era uma constante e a dor e a preocupação estavam ausentes.

Ao perder a sua idade de ouro, o Homem entrou numa fase de regressão com a violência e as privações a imperarem.

Para o nosso propósito, porém, é importante citar alguns versos relativos aos homens da idade de ouro

*“... para eles
tudo era perfeito: o solo fértil oferecia-lhes por si frutos
numerosos e abundantes...”*¹⁵.

A semelhança entre a passagem do mito das cinco idades e a referida aos jardins de Alcinoos parece-nos flagrante. Tal permite que façamos mais algumas considerações.

Embora o mito das cinco idades surja num poema posterior à Odisseia, a semelhança que anotamos indica-nos que esse mito é, pelo menos, contemporâneo do poema homérico. É certo que podemos colocar outra hipótese, não obstante não se encontrar muito afastada da primeira. A primeira idade poderia ter constituído um mito autónomo que Hesíodo incorporasse no mito mais vasto das cinco idades¹⁶.

Mesmo a segunda hipótese que colocamos aponta no mesmo sentido, ou seja, o mito ou pelo menos a sua primeira parte é conhecido pelo poeta da Odisseia.

A digressão que realizamos permite-nos agora uma conclusão.

Os jardins de Alcinoos representam um lugar maravilhoso, como já dissemos, mas também a abundância própria do Mito da Idade de Ouro¹⁷.

O que é extremamente interessante é que enquanto no Mito da Idade do Ouro a abundância, assim como outros traços, pertencem a um passado, na Odisseia ela é contemporânea de Ulisses e de Alcinoos.

¹⁵ Os Trabalhos e os Dias, vv. 116 - 118. Trad. de M. H da Rocha Pereira, ob. cit., p. 84.

¹⁶ Segundo Finley o mito das cinco idades tem a sua origem num mito oriental, talvez iraquiano, que apresentava quatro idades. A idade dos heróis seria a contribuição grega para a reformulação do mito oriental. Cf. ob. cit., pp. 25 - 26.

¹⁷ Falamos do mito da idade de ouro só porque em determinado momento fez parte do mito das cinco idades mas também por ele se autonomizar, pelo menos, depois de Hesíodo.

4. A SOCIEDADE DOS FEACES

Na terceira parte do nosso trabalho falamos, sobretudo, do maravilhoso no país dos Feaces. Porém, nele encontramos, igualmente, aspectos que não pertencem ao mundo fabuloso. E serão alguns desses aspectos que iremos agora focar.

Quando Nausicaa acompanha Ulisses a caminho da cidade, esta toma algumas precauções para que os não vejam entrar juntos. Diz a princesa para o herói:

*“Eu quero evitar os ditos picantes deste povo. Pode suceder que alguém atrás de nós murmure, pois são muito insolentes os homens cá da terra”*¹⁸.

A atitude de Nausicaa não é isolada. Podemos ver algo de semelhante quando Palas Atena conduz Ulisses. Eis as palavras da deusa:

*“Anda em silêncio, que eu te ensinarei o caminho; e não olhes para os outros homens, nem lhes dirijas a palavra, porque eles não suportam, de maneira nenhuma entre si os estrangeiros nem dão acolhimento amável àquele que vem de outro país”*¹⁹.

Como podemos verificar nas duas passagens transcritas, os Feaces são capazes de murmurar acerca de outras pessoas, assim como suportam mal os estrangeiros.

Estes traços dos Feaces podem considerar-se negativos. E mais negativos nos podem surgir, quando contrastam com o maravilhoso analisado na terceira parte deste ensaio.

Todavia, estes aspectos, a que iremos juntar outros, contribuirão para traçar um quadro da sociedade dos Feaces do qual resultará uma sociedade perfeitamente humana e que permitirá extrair algumas conclusões extremamente interessantes, segundo esperamos.

Mas, voltemos ainda atrás e citemos outra atitude negativa de um Feace.

Por ordem de Alcinoos realizam-se jogos na cidade em honra do herói. Mas um dos presentes, com toda a probabilidade um

¹⁸ Odisseia, p. 86.

¹⁹ Odisseia, p. 90.

pretendente à mão de Nausicaa, desafia Ulisses em termos insolentes a entrar também na competição ²⁰.

Esta cena representa, é certo, uma quebra na hospitalidade ²¹. Representa, também, uma cena de ciúme.

Como assinalámos esta atitude não é completamente abonatória do carácter dos Feaces. Todavia, há também aqui algo de positivo que convém assinalar.

A competição para a qual Ulisses é convidado, embora com insolência, não é de forma alguma um confronto de morte. Trata-se, sim, de um jogo, uma prova atlética para apurar o vencedor.

Nos poemas homéricos são raras estas situações. De uma maneira geral é a violência, através das armas que dita o vencedor de uma contenda. Desta forma, na cena que estamos a analisar existe uma forma civilizada, quase diríamos pacífica, de dirimir uma contenda, de se ver qual é o melhor.

Explicitando o que dissemos: esta maneira de se resolver um problema, representa uma concepção avançada de sociedade, na qual o embate pelas armas cede o lugar à competição desportiva.

A cena que descrevemos permite-nos, por outro lado, detectar um aspecto notável desta civilização. Os Feaces, nos seus tempos de lazer, dedicavam-se aos jogos, possivelmente, não só como recreação mas também como exercício físico ²².

Anotemos, ainda, que para preencher esses tempos livres, os Feaces também se deleitavam com o canto de poemas, acompanhado ao som da lira ²³.

²⁰ Ao contemplar Ulisses, pouco depois do seu encontro, Nausicaa diz para as escravas que a acompanham:

«*Quem dera que lhe agradasse estabelecer a sua morada entre nós e que fosse o meu esposo*» (Odisseia, p. 85).

²¹ Quanto à importância da hospitalidade veja-se M. H. DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I, Lisboa, Fundação Gulhenkian, 1970, 3.^a ed., pp. 66 - 69.

²² São citados vários jogos a propósito do festival desportivo decretado por Alcinoos: pugilato, luta, salto, corrida. Mencionados ainda o lançamento do disco e da lança assim como o tiro ao arco (cf. Odisseia, VIII, pp. 102 - 105).

Os primeiros quatro jogos são apontados como os favoritos dos Feaces, os três restantes são mencionados, pelo próprio Ulisses.

É interessante comparar estas provas com aquelas praticadas nos Jogos Olímpicos: (veja-se M. H. da Rocha Pereira, ob. cit., p. 256).

²³ Para a festa em honra de Ulisses, Alcinoos ordena: «*Chamai também o divino aedo, Demódoco, a quem a divindade concedeu, mais que a ninguém, o dom de deleitar com o seu canto, quando o coração o incita a cantar*» (Odisseia. VIII. p. 100).

Este quadro, que vimos traçando, está ainda incompleto. Há outros aspectos, igualmente importantes, que devem ser focados.

No que toca às suas actividades encontramos, uma passagem elucidativa:

*“Quanto aos Feaces excedem todos os outros homens em conduzir pelo mar uma ligeira nau, tanto as suas mulheres se distinguem em executar uma tela com arte porque Atena concedeu-lhes mais que a ninguém engenho excelente e o dom de executarem finíssimos labores”*²⁴.

Este passo da Odisseia constitui um elogio à habilidade dos homens e das mulheres da Esquéria. Outras passagens acentuam o papel de navegadores dos Feaces. Estes surgem, claramente, como um povo de marinheiros e é isso, essencialmente, que faz a grandeza económica da ilha.

Façamos, ainda, referência a dois aspectos relevantes para uma melhor compreensão da sociedade dos Feaces: o governo e o papel desempenhado pela mulher.

Por várias vezes, ao longo deste trabalho, falámos do rei Alcino. Para aquele que, porventura, não leu a Odisseia poderia ficar a ideia de que Alcino era a única personagem, com poder político na Esquéria. Todavia o poema não permite esta interpretação.

O governo no país dos Feaces é complexo, o mais complexo que surge nos poemas homéricos. Alcino não detém todo o poder; não é e não se comporta como um monarca absoluto.

No país dos Feaces existe um órgão colegial constituído por treze personalidades entre as quais se conta o próprio Alcino. Este é, por assim dizer, o presidente do colégio, o primus inter pares já que todos os membros usam o título de rei²⁵.

Sob o ponto de vista político não existe, assim o pensamos, a concepção de polis, embora o autor da Odisseia, muito provavelmente, seja contemporâneo do nascimento da cidade-estado²⁶.

²⁴ Odisseia, VII, p. 92. (em vez de Feácios, utilizamos o termo Feaces).

²⁵ Citemos duas passagens da Odisseia: no canto VIII, p. 100 Alcino dirige-se aos *«reis, portadores do ceptro...»*. No mesmo canto, pp. 109 - 110, Alcino diz: *«Vós sois doze reis ilustres, os príncipes que governam nesta terra, e eu o décimo terceiro»*.

²⁶ Segundo Pierre Lévêque a polis teria surgido cerca de 800. Cf. ob. cit., p. 117.

Nota-se, porém, a passagem da realeza absolutista para um regime mais mitigado em que o rei tem de ouvir e aceitar as indicações dos outros membros do colégio. Se não estamos, ainda, na polis, Alcinoos não é também um Wanax aqueu²⁷.

O que dissemos anteriormente leva-nos a considerar o quadro político da Esquéria como diferenciado dos outros apresentados tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*. Um traço de novidade, de modernidade, percorre a vida política do país dos Feaces.

Outro aspecto relevante nesta sociedade é o lugar da mulher, ou pelo menos, a importância de Areta, esposa de Alcinoos²⁸.

Em vários passos da *Odisseia* nota-se, de forma extremamente clara, a posição relevante da rainha Areta²⁹. A importância da esposa de Alcinoos é insólita nos poemas homéricos³⁰.

Areta tem influência política e social; ela está presente nestes campos. Ora, são estes aspectos que constituem uma novidade, porque o papel da mulher, mais na *Ilíada* do que na *Odisseia*, é secundário, como aliás vai acontecer, durante séculos, na sociedade grega³¹.

O que é extremamente curioso é o poeta apresentar uma mulher, com real influência política e social, no país dos Feaces; o que contribui para uma maior originalidade desta sociedade.

Podemos ver, em nossa opinião, a origem da relevância de Areta. A influência da civilização mediterrânica faz-se sentir forte-

²⁷ Quanto a este ponto, veja-se J. P. Vernant, *Les origines de la pensée grecque* 3.^a ed. Paris, P.U.F., 1975, pp. 23 - 24.

²⁸ Quanto à posição da mulher nos poemas homéricos, veja-se Finley, ob. cit., pp. 120 - 122.

²⁹ Há várias passagens muito curiosas mas citemos esta em que Areta ordena: *«Ele (Ulisses) é o meu hóspede, mas cada um de nós participa desta honra; por isso, não vos apresseis a reenviá-lo para a sua pátria nem recuseis os nossos presentes a um varão tão necessitado...»* (*Odisseia*, XI, p. 158).

³⁰ A dificuldade em interpretar a figura de Areta é posta em relevo por Finley, ob. cit., pp. 84 - 86 e 122.

³¹ A luta pela igualdade entre homem e mulher, ou pelo menos pela subida desta, em importância, é manifesta na segunda metade do século V. A Assembleia das Mulheres de Aristófanes, na qual combate, aliás, essas ideias, é um documento precioso para o estudo deste problema.

Veja-se sobre este assunto, a nossa obra *O Pensamento Político de Platão*, vol. I, Publicações da Faculdade de Letras do Porto, 1977, pp. 126 - 129.

mente na Odisseia. O episódio de Ulisses no País dos Feaces é aquele em que ela é mais patente ³².

De facto, na civilização mediterrânica a mulher mantinha uma posição importante e é essa reminiscência que encontramos encarnada, pelo menos, em Areta mas que praticamente não vai passar, como já o dissemos, para a sociedade grega.

Nesta parte do nosso ensaio esboçamos as grandes linhas, as que consideramos mais relevantes, da sociedade dos Feaces e que nos irão permitir algumas considerações para aclarar o que pretendemos defender.

5. CONCLUSÃO

Segundo Jean Servier

“A utopia é o sonho do Ocidente” ³³.

Da Antiguidade Grega aos nossos dias, a utopia tem sido uma constante na literatura ocidental, e só esse facto bastaria para chamar a nossa atenção sobre essa forma de pensamento.

A utopia tem como pretensão apresentar a proposta de uma sociedade justa, implicando essa mesma proposta uma crítica explícita ou implícita à sociedade contemporânea do autor ³⁴.

Aponta-se, geralmente, a República de Platão como a primeira utopia que surgiu no Ocidente. Efectivamente, este diálogo de Platão constitui a primeira obra de fôlego em que a problemática do Estado justo se coloca em toda a sua amplitude.

Todavia, tem-se apontado também como precursores de Platão duas outras figuras ilustres – Hipódamo de Mileto e Fáleas da Calcedónia ³⁵. Pese embora as escassas informações sobre estes autores, eles pertencem, com todo o mérito, à História da Utopia.

Dissemos já neste trabalho que podemos remontar até mais tarde, em busca dos primeiros traços da utopia. E a este propó-

³² Sobre a importância do fundo mediterrânico na Odisseia, vejam-se as páginas de André Bonnard, *Civilisation Grecque: De l'Iliade au Parthénon*, Paris, U.G.E., 1963, pp. 77 - 84 e sobretudo M. H. da Rocha Pereira, ob. cit., pp. 74 - 76.

³³ J. Servier, *Histoire de l'utopie*, Paris, Gallimard, 1967, p. 317.

³⁴ Quanto a este ponto veja-se a nossa ob. cit., pp. 24 - 25.

³⁵ Sobre estes autores veja-se a nossa ob. cit., pp. 25 - 28.

sito podemos citar Michel Austin e Vidal-Naquet que consagraram algumas passagens a este tema³⁶. Os autores citados afirmam a dado passo:

*“é preciso insistir num episódio da Odisseia pois parece prefigurar o futuro: é a utopia dos Feaces, a primeira utopia da literatura grega...”*³⁷.

A nossa posição não é, porém, completamente coincidente com a de Austin e Vidal-Naquet.

Creemos que é importante o facto de estes autores sublinharem o carácter utópico do episódio de Ulisses no país dos Feaces. Todavia, não nos parece correcto afirmar-se que o episódio sobre o qual nos debruçamos constitui “a primeira utopia da literatura grega”. De facto, nem todos os traços constitutivos de uma teoria utópica estão presentes no episódio, como mostramos ao longo deste ensaio. Mas ainda volveremos a este ponto nesta conclusão.

A República de Platão, já o dissemos, apresenta a primeira utopia do Ocidente. Tendo em conta os antecedentes que explicam em parte este diálogo de Platão, ele constitui, a vários títulos, um diálogo da máxima importância na produção platónica e na influência que vai exercer na Filosofia Política.

A República apresenta a Cidade Justa, através de uma descrição dos aspectos educativos, sociais e políticos que permitem a existência da Justiça e, portanto, a existência de uma sociedade perfeita. Em contraponto, Platão analisa as cidades imperfeitas, ou seja, todos os sistemas políticos que o filósofo conhecia.

Não nos vamos alongar nestas considerações. O que importa referir é que Platão, não obstante os seus antecedentes construiu a primeira utopia, o que é significativo, embora significativo também seja toda a experiência que podemos detectar antes de si.

Voltemos, ainda que brevemente, à Odisseia.

A Odisseia, assim o pensamos é a obra, a primeira na literatura ocidental, que nos oferece alguns traços de uma utopia.

³⁶ M. AUSTIN e P. VIDAL-NAQUET, *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*, Lisboa, Edições 70, 1986, pp. 56 - 57 e 193.

³⁷ Ob. cit., p. 56.

O poema homérico não esboça uma crítica às sociedades humanas³⁸ e a Esquéria não apresenta um quadro completo das estruturas de um Estado utópico.

Todavia, há aspectos que focamos que apresentam uma dimensão utópica. A sociedade dos Feaces é, de uma forma geral, uma sociedade tranquila, feliz e próspera. Sob o ponto de vista social e político, a Esquéria apresenta novidades a que fizemos igualmente referência.

Outros aspectos são igualmente relevantes: a ilha e a sua inacessibilidade que constituem símbolos da utopia³⁹.

Citemos de novo J. Servier:

*“As diversas utopias aparecem na sua leitura como contos de fadas de um mesmo povo, variações em torno de um mesmo fundo mítico, tão grande é o seu parentesco, de um autor ou de um século a outro: une-os um mesmo fio misterioso. A poesia ou os contos de fadas vêm invariavelmente ao espírito do leitor de utopias, talvez porque este fio é o sonho”*⁴⁰.

Parece-nos que esta citação nos poderá auxiliar a compreender o episódio da Odisseia sobre o qual nos debruçamos neste ensaio.

O maravilhoso também está presente nos cantos do poema homérico que nos narra a presença de Ulisses no país dos Feaces. Relembremos que é aí que o herói expõe as suas extraordinárias aventuras, “os contos de Alcinoos” como foram conhecidas na própria Antiguidade⁴¹.

A descrição dos jardins de Alcinoos, sobre a qual nos debruçamos com alguma minúcia, é relevante para a interpretação do episódio.

³⁸ Há na Odisseia um contraste entre a sociedade dos Feaces e os Ciclopes, que vivem no maior desprezo pelas normas, entre as quais a hospitalidade. Todavia os Ciclopes são figuras monstruosas embora aparentadas com homens.

É possível que o poeta com o episódio dos Ciclopes queira mostrar que o desprezo pelas normas impede a formação de uma sociedade.

Veja-se, por exemplo, Odisseia, IX, p. 119.

³⁹ Cf. J. Servier, ob. cit., p. 319.

⁴⁰ J. Servier, ob. cit., p. 316.

⁴¹ A expressão é utilizada no diálogo de Platão, República, 614 – B.

Alguns traços da Idade de Ouro estão presentes nessa descrição e indicam-nos que, segundo o poeta, o maravilhoso pode existir no presente, numa sociedade humana ⁴², que ostenta virtudes mas também exhibe alguns defeitos.

É este último carácter que ainda hoje nos deleita ao lermos os cantos respectivos da Odisseia, que constitui um marco relevante da Cultura Grega nas suas consequências e desenvolvimentos posteriores.

Álvaro José dos Penedos

⁴² Na Odisseia, V, p. 66, Zeus considera os Feaces parentes dos deuses. Tal expressão não significa que os Feaces sejam imortais; significa apenas que eles são amados pelos deuses.

